



BOLETIM DA CAPELANIA

Fevereiro de 2012



Corrigir os que erram

Na sua Mensagem para esta Quaresma, o Santo Padre recorda um mandato de Cristo, que a Igreja inclui entre as «obras de misericórdia»: corrigir os que erram. Trata-se de um dever de caridade e muitas vezes de justiça. Um pai que não corrige o filho, um professor que não corrige o aluno, um chefe que não corrige o subordinado, etc., não é pai, não é professor, não é chefe. Um irmão, um amigo, que não corrige o seu irmão, o seu amigo, não é bom irmão nem verdadeiro amigo. Mas custa, e facilmente preferimos a acusação, a crítica, a discussão, a ironia, a irritação, a murmuração, o menosprezo, a indiferença, o aviso genérico...

Note-se que o Evangelho fala no singular: «Se um teu irmão peca... vai e corrige-o entre ti e ele a sós». Não é norma exclusiva do Evangelho. Já entre os antigos gregos se regista um episódio expressivo e com certa graça: quando, num banquete, um dos comensais criticava outro, alto e bom som, levantou-se um terceiro, indignado. – Se achas que ele procede mal, porque não lho dizes a sós, em vez de o humilhar em público? – E tu, porque não fazes isso mesmo comigo?...

É curioso, mas, com a aparente valentia de «dizer o que penso, sem papas na língua», estamos apenas a ser covardes: temos medo de nos enfrentarmos a sós com o outro, seja quem for... É mais fácil acusar em público, sobretudo quem não está presente nem se pode defender, ou então generalizar os erros de alguém numa indignação universal contra «vocês» ou contra «eles», contra a casa toda, a empresa toda, o país inteiro – quando a verdade é que cada um é diferente, cada um tem os seus próprios erros, cada um tem a sua culpa ou desculpa, ou até a sua razão, que não sabíamos. E todos, o direito a serem advertidos pessoalmente antes de nos enfadarmos com eles... se isso serve para alguma coisa.

O certo é que qualquer correção é mais fácil de fazer, e de receber, quando existe autêntica amizade e respeito mútuo.

Pe. Hugo de Azevedo